

Voltando às estatísticas

Como tivemos ocasião de afirmar por diversas vèzes, o sistema nacional de estatísticas entrou em prático colapso. Do ponto de vista de informações econômicas, o colapso é quase total, pois o que existe é desatualizado e completamente insatisfatório, quantitativa e qualitativamente falando.

Mas sem estatística não pode haver política econômica séria. O desenvolvimento econômico poderá ocorrer, por vitalidade endêmica do país; mas será marcado por certo grau de irracionalidade e pela inconsciência quanto ao ritmo, forma e tendências.

Dispor de estatísticas boas, sérias, tènicamente programadas e elaboradas, atuais e sempre atualizadas, é condição básica para qualquer política econômica e qualquer esforço desenvolvimentista.

Recuperar o sistema nacional de estatísticas não é, apenas, dinamizar o IBGE. É, antes de tudo, reformular o sistema, revendo-lhe a legislação e dando ao órgão central — o próprio IBGE — as funções de coordenador efetivo do sistema. É, ainda, mudar a filosofia vigente, de modo a que *produtores* e *consumidores* de estatísticas se reúnam periódica e sistematicamente para o traçado das linhas que informarão a evolução do sistema. É, também, integrar o sistema federal,

capturando a contribuição de todos os órgãos públicos que fazem naturalmente estatística ao executar suas atribuições. É, enfim, agregar ao sistema federal as fontes regionais ou estaduais, já bem robustas algumas delas em termos de informações regulares.

Essa reformulação de base está a se impor, dado o estado a que atingiram nossas estatísticas. Mais do que isso, porém, torna-se indispensável para que o país possa contar com programas menos débeis e vulneráveis para impulsionar seu desenvolvimento. Não é tarefa das mais difíceis. Existe entre nós consciência do problema e bastante conhecimento de causa em matéria de estatísticas. O próprio IBGE tem um acervo relevante de experiências. Basta desejarmos levá-la a cabo, instituindo um grupo de trabalho técnico com autoridade e apoio para que, em curto lapso de tempo, tenhamos sugestões valiosas de recomposição.

É de esperar-se que essa magnânima questão das estatísticas não fique na *fila* das providências. É assunto que já não mais pode ser protelado, nem arrolado entre os de prioridade menor. Pelo contrário, é dos que merecem grau de prioridade idêntico ao que se está dando ao combate à inflação, às reformas etc. País sem estatísticas é país que recusa o *status* de civilização.

População de Brasília

O diretor do Serviço de Estatística do Distrito Federal, Dr. ODILON JUVENAL DE ALMEIDA FILHO, informou à reportagem do *Correio Brasiliense* que o último recenseamento efetuado em Brasília, no ano de 1960, apresentou 141 742 habitantes. Extra oficialmente calcula-se que até o final de 1963: 255 000 era o número de pessoas residentes na capital da República, num acréscimo, portanto, de 113 258 habitantes.

Apuramos ainda que o censo é efetuado em todo o território nacional de 10 em 10 anos. O *Anuário Estatístico do Brasil*, circulando desde janeiro p. passado, apresentou mais de 500 tabelas, com dados de todo o Brasil.

O Dr. ODILON JUVENAL A. FILHO disse ainda que, no ano passado, a Prefeitura do Distrito Federal solicitou um levantamento de despesas para efetuar em convênio com o Serviço de Esta-